DAVAR POLISSÊMICA

O aconselhamento pastoral no acolhimento de pessoas com depressão e ideação suicida: contribuições para o cuidado integral

Pastoral Counseling in the Care of Individuals with Depression and Suicidal Ideation: Contributions to Holistic Care

Francisco de Assis Souza dos Santos[181]
Docente no PPG em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória

Melkisedeke Gleides Mendes[182]
Graduado pela Faculdade Capixaba de Educação

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a relevância do aconselhamento pastoral no acolhimento de pessoas acometidas por depressão e ideação suicida, bem como seu papel no suporte às famílias e às redes de apoio envolvidas nesse contexto. Embora o sofrimento mental associado à depressão e ao comportamento suicida tenha sido, em diferentes momentos históricos, compreendido de maneira reducionista, trata-se de um fenômeno complexo que demanda abordagens multidimensionais e atenção constante. Nessa perspectiva, o estudo propõe uma reflexão crítica acerca da importância do cuidado pastoral em situações de crise emocional e vulnerabilidade psíquica. Busca-se compreender como a atuação pastoral pode contribuir para a prevenção de

Recebido em: 11 dez. 2025 Aprovado em: 20 mai. 2026

[181] Possui graduação em Letras - Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (1998), graduação em Formação Pedagógica em Filosofia - Licenciatura pelo Centro Universitário ETEP (2022), graduação em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (2024), mestrado em Teologia pela Faculdade EST (2010) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2015). Pós-doutorado pelo MSTO - Methodist Theological School in Ohio - USA (2019). Atualmente é professor da Faculdade Unida de Vitória. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/1240820674289937 Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0888-5459 E-mail: assis@fuv.edu.br
[182] Possui graduação em Administração pela Faculdade Capixaba de Educação. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/3797002478983748 Email: melkisedeke@live.com

desfechos graves, oferecendo acolhimento, escuta qualificada e suporte espiritual. Além disso, procura-se evidenciar a contribuição da capelania e do aconselhamento pastoral como recursos relevantes nos processos de enfrentamento do sofrimento, favorecendo a ressignificação das experiências vividas e o fortalecimento emocional dos indivíduos. Ao integrar a dimensão espiritual ao cuidado da saúde mental, o aconselhamento pastoral pode constituir-se em um importante instrumento de promoção do bem-estar e de apoio ao enfrentamento da depressão e da ideação suicida.
Palavras-chave: Teologia, aconselhamento, igreja, depressão, suicídio.

Abstract: This article aims to analyze the relevance of pastoral counseling in the care of individuals affected by depression and suicidal ideation, as well as its role in supporting families and social support networks involved in this context. Although mental suffering associated with depression and suicidal behavior has, at different historical moments, been understood in a reductionist manner, it is a complex phenomenon that requires multidimensional approaches and continuous attention. From this perspective, the study proposes a critical reflection on the importance of pastoral care in situations of emotional crisis and psychological vulnerability. It seeks to understand how pastoral intervention can contribute to the prevention of severe outcomes by providing welcome, attentive listening, and spiritual support. Furthermore, the article highlights the contribution of chaplaincy and pastoral counseling as relevant resources in coping processes, fostering the reinterpretation of lived experiences and strengthening individuals' emotional resilience. By integrating the spiritual dimension into mental health care, pastoral counseling may constitute an important instrument for promoting well-being and supporting individuals in coping with depression and suicidal ideation.
Keywords: Theology, Counseling, Church, Depression, Suicide.

Introdução

Diante do expressivo aumento na prevalência da depressão em diversas faixas etárias — impulsionada por intermediários sociais, psíquicos e valores morais—, observa-se uma correlata elevação nos índices de suicídio. Este

cenário tem mobilizado organizações em esferas nacionais e globais, evidenciando a urgência de intervenções frente a essa crise de saúde pública. Tal realidade ecoa incisivamente nas instituições religiosas, exigindo que o aconselhamento pastoral ultrapasse barreiras tradicionais e integre dimensões psicossociais efetivas para oferecer um acolhimento especializado e sensível ao contexto do indivíduo.

A fundamentação para essa abordagem integrativa encontra fundamentação no pensamento de Edgar Morin, ao afirmar que "[...] é fundamental contextualizar e religar diferentes saberes ou dimensões da vida, reconhecendo que existem tendências para o erro e a ilusão, uma vez que todo conhecimento é suscetível a equívocos" [183]

Sob essa ótica, o presente artigo objetiva sistematizar conhecimentos que qualifiquem a práxis pastoral. Busca-se instrumentalizar o cuidado para que, através da prevenção e do apoio e suporte individual, seja possível reduzir o sofrimento e fortalecer a resiliência tanto daqueles que enfrentam tais crises quanto de seus familiares.

1. O que é Depressão?

De uma forma sucinta, a depressão pode ser compreendida como um fenômeno que ocorre em contextos de vulnerabilidade, especialmente diante de perdas e frustrações relacionadas às expectativas pessoais. Cada autor, no entanto, aborda a depressão sob diferentes perspectivas, destacando causas distintas para sua origem, como fatores emocionais, sociais, espirituais ou biológicos. Segundo Stratton e Hayes,

> Depressão - Um estado reduzido do funcionamento psicológico e mental frequentemente associado com sentimentos de infelicidade. Os sintomas mais comuns são: perda de interesse e inabilidade para usufruir qualquer experiência, tristeza, perda de apetite, distúrbios do sono, em especial logo no início da manhã, passividade e pensamentos ou intenções suicidas.[184]

A depressão, conforme definida acima, é um transtorno psicológico caracterizado por um estado de profunda tristeza e infelicidade. Seus sintomas

[183] MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2 São Paulo, SP: Cortez, 2011.p. 102

[184] STRATTON, Peter; HAYES, Nicky. Dicionário de psicologia. São Paulo, SP: Centragem Learning, 2011. p.61.

mais comuns incluem perda de interesse por atividades anteriormente prazerosas, alterações no apetite, distúrbios do sono, apatia, passividade e, em casos mais graves, pensamentos suicidas.
O termo "depressão" é utilizado para descrever uma ampla gama de condições, como a depressão bipolar, endógena, exógena (ou reativa) e psicótica. Isso evidencia que existem diversos tipos de depressão, os quais podem afetar significativamente o ser humano e sua vida cotidiana. Na perspectiva de Chemama,

> O termo depressão é utilizado, hoje, de forma mais frouxa, indicando, em seu uso corrente, patologias muito diferentes. Sem dúvida, porque o termo evita a necessidade de um diagnóstico estrutural, remetendo a questão do "que não está funcionando "a uma perturbação momentânea do humor.[185]"

Atualmente, o termo 'depressão' ampliou sua capacidade semântica para descrever diferentes estados emocionais, muitas vezes sem um diagnóstico preciso. Para os psicanalistas, essa generalização é pouco útil, uma vez que a depressão possui definições mais restritas, como nos quadros de melancolia ou de transtorno bipolar, em que se observa a perda da libido e o redirecionamento do investimento libidinal do objeto para o eu. Além disso, a depressão pode refletir uma rejeição aos valores sociais e uma consciência das renúncias exigidas pela vida. O sujeito deprimido estabelece uma relação singular com o tempo, vivenciando um cotidiano monótono, no qual as variações de humor não correspondem a verdadeiras transformações. Essa concepção impõe desafios à prática analítica, pois o indivíduo depressivo frequentemente encontra dificuldades em explorar sua própria história em busca de mudanças significativas. Por isso, a abordagem clínica deve ser cuidadosamente adaptada a cada caso específico

2. Entendendo a depressão da fase infantil à vida adulta

O fenômeno da depressão, no contexto da sociedade globalizada em que vivemos, não tem afetado apenas pessoas em idade avançada ou adultos. Observa-se, atualmente, um crescimento significativo no número de crianças que apresentam sintomas depressivos. Esse aumento chama atenção para a necessidade de compreender os fatores cotidianos que envolvem o ambiente familiar e o estilo de vida dessas crianças, questionando-se: como se configura

[185] CHEMAMA, Roland. Dicionário de psicanálise. Porto Algre, RS: Artes Médicas, 1995. p.42.

o dia a dia em lares onde a depressão infantil está presente? Na perspectiva de Bahls,

> a atenção pela depressão em crianças e adolescentes é bastante recente, até mesmo já existindo relatos esparsos de casos desde o século XVII. Até a década de 1970 acreditava-se que a depressão nessa faixa etária fosse rara ou até inexistente, [...][186]

Em uma era marcada pelo avanço constante da tecnologia, observa-se que a necessidade de cuidar do ser humano torna-se cada dia mais premente. O aumento dos índices de depressão, especialmente entre crianças e adolescentes, evidencia a complexidade crescente dessa questão. Embora o meio tecnológico possa ser uma ferramenta para reduzir ou eliminar certos obstáculos, muitas vezes ele acaba se tornando um tormento que atrai e aprisiona esses jovens, aprofundando-se cada vez mais nesse universo digital. Nesse contexto, questiona-se qual é o papel do conselheiro cristão e do cuidador na proteção e no zelo por essas crianças e adolescentes, até que eles alcancem a fase adulta. Como atuar de modo a promover um ambiente saudável, equilibrado e que contribua para o desenvolvimento integral desses indivíduos.

De acordo com Bahls, "Compreende-se, nos dias de hoje, que a depressão maior em adolescentes é comum, debilitante e recorrente, envolvendo um alto grau de morbilidade e mortalidade, especialmente por meio do suicídio, [...][187]". Diante do crescente aumento dos índices de depressão entre crianças e adolescentes, é fundamental compreender o impacto dessa situação na saúde pública e na dinâmica social. Além disso, é importante considerar os aspectos religiosos e culturais, especialmente o papel das igrejas, na formação de uma abordagem integrada de aconselhamento, que não perca as limitações humanas de cada um.

No contexto do aconselhamento pastoral é necessário levar em conta o ambiente familiar, escolar e outros ambientes externos que influenciam positivamente ou negativamente o bem-estar emocional dessas crianças e adolescentes. O conselheiro e sua atuação devem constituir-se como elemento

[186] BAHLS, Saint-Clair. A depressão em crianças e adolescentes e o seu tratamento. São Paulo, SP: Lemos Editorial, 2004.p.13.
[187] BAHLS, Saint-Clair. 2004.p.14.

de equilíbrio, promovendo estratégias que auxiliem na superação da depressão, oferecendo esperança e apoio durante essa fase árdua.

A intervenção deve ser pautada na escuta ativa, na valorização do convívio social saudável e na promoção de valores que fortaleçam a autoestima e o senso de pertencimento. Assim, o aconselhamento pastoral pode contribuir para resgatar a esperança e reduzir o sentimento de solidão, ajudando esses jovens a enfrentarem suas dificuldades com mais resiliência e confiança.

Gary Collins discute a crise de identidade e os problemas enfrentados pelos adolescentes, argumentando que a geração adulta (tanto a sociedade quanto a igreja) têm falhado em fornecer modelos e instruções claras de valores, o que agrava a confusão e a angústia da juventude.[188] Diversos fatores contribuem para essa problemática, considerando que a realidade vivenciada pelas gerações anteriores difere significativamente do contexto atual em que seus filhos estão inseridos. Frequentemente, observa-se uma tentativa de conciliar valores e ensinamentos tradicionais com as demandas contemporâneas. Contudo, apesar desses esforços, constata-se que nem sempre é possível evitar que crianças e adolescentes sejam impactados negativamente em seu processo de desenvolvimento. Diante disso, torna-se imprescindível a adoção de estratégias eficazes para amparar os jovens e prevenir o agravamento desse quadro ao longo do tempo.

O escrito Howard Clinebell em sua obra *Aconselhamentos Pastoral* chama a atenção para "muitas pessoas cujo problema fundamental é um profundo vazio na área de sentidos e valores"[189]. Compreende-se, assim, que a igreja, em diversos momentos, falha em sua atuação diante das dificuldades enfrentadas pela sociedade contemporânea, marcada pela permissividade e pela crise de valores. Reconhece-se que a atual geração de crianças e adolescentes enfrenta desafios distintos daqueles vividos por gerações anteriores. Nesse contexto, torna-se fundamental refletir sobre a maneira adequada de aconselhar e orientar crianças e adolescentes em meio situações adversas, evidenciadas pela perda ou esvaziamento de valores éticos, morais e religiosos. Diante desse cenário, destaca-se a necessidade de inserir novos referenciais, fundamentados na Palavra de Deus, como meio de resgatar princípios que promovam o fortalecimento emocional, espiritual e social dos jovens.

---

[188] COLLINS, Gary R.. Aconselhamento cristão: edição século 21. São Paulo, SP: Vida Nova, 2009. p.198.

[189] CLINEBELL, Howard, J.. Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento. 4: Sinodal, 2007. p.153.

O teólogo Paul Tillich, outra pessoa importante no cenário da teologia, adverte que "[...]A consciência religiosa, a condição de estar preocupado de forma última, deve afirmar tanto a transcendência incondicional de seu deus quando sua concretude, que torna possível um encontro com ele.[...][190]", diante do crescimento desse fenômeno na sociedade, a Teologia Sistemática desempenha um papel fundamental ao promover a integração entre a igreja, o Estado e a sociedade civil, com o objetivo de oferecer suporte de forma sustentável às pessoas que necessitam de ajuda. Essa atuação deve ocorrer sem preconceitos ou discriminações, pautando-se, ao contrário, em uma perspectiva de cuidado, acolhimento e amor ao próximo. A Teologia, nesse sentido, contribui para a construção de respostas práticas e teóricas que reconheçam a dignidade humana e promovam a solidariedade no enfrentamento dos desafios modernos.

3. A depressão no cristianismo e na igreja de hoje

O conselheiro Gary Collins observa, com surpresa, que nunca havia pensado que o universo das pessoas que sofrem de depressão fosse tão grande.[191]. Diante do contexto em que vivemos, a vida tem se tornado cada dia mais complexa, dificultando o cuidado consigo mesmo e a atenção ao próximo. Isso se evidencia quando as autoridades políticas e eclesiásticas tentam solucionar problemas que, com o passar do tempo se agravam, sem o devido cuidado que se deve dar à questão, e por muitas vezes intensificando esse mal-estar patológico. Segundo ele, "Não é fácil aconselhar de maneira organizada e competente, principalmente diante do fato de que os problemas são muito variados, [...][192]". O autor afirma que cuidar é um papel extremamente complexo, que exige não apenas habilidades técnicas, mas também dedicação a cada tipo de pessoa, considerando os diferentes problemas relatados. Isso porque o ato de cuidar vai muito além de um simples trabalho: envolve atenção integral às pessoas e às suas famílias, especialmente àquelas que se encontram nos casos relacionados à depressão. Nesses contextos, muitas vezes, cuidar significa ouvir, acolher e buscar aliviar o sofrimento gradualmente, oferecendo tratamento com sensibilidade e respeito.

Em contrapartida, embora eficaz na compreensão dos aspectos inconscientes do sofrimento, apontado pela psicanálise, o processo é gradual e voltado à elaboração profunda, o que pode não atender às expectativas de quem

[190] TILLICH, Paul. Teologia sistemática. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005. p.453-454.
[191] COLLINS, Gary R.. 2009. p.15.
[192] COLLINS, Gary R.. 2009. p.15.

necessita de alívio rápido. Assim, torna-se essencial compreender que sua eficácia reside na transformação progressiva e duradoura do indivíduo. Esse é o pensamento crítico de Andrew Solomon, que vivenciou momentos terríveis de depressão. Em suas próprias palavras, "A psicanálise explica bem as coisas, mas não é eficiente ao tentar mudá-las. O enorme poder do processo psicanalítico parece ser desperdiçado se o objetivo do paciente e uma transformação imediata de seu estado de espírito. [...][193]".

Atualmente, reconhece-se a importância da Psicanálise e de suas ferramentas no atendimento clínico, especialmente no auxílio a pessoas que se encontram em situações que demandam um aconselhamento mais adequado e tecnicamente fundamentado. É importante que esse atendimento considere as particularidades de cada indivíduo, respeitando suas necessidades específicas e especialmente suas crenças. A Psicanálise, nesse contexto, oferece recursos valiosos para um cuidado especializado, abrangendo diversos aspectos que podem se assemelhar ao aconselhamento, porém com técnica e abordagem diferente. Contudo, tanto o aconselhamento pastoral como a terapia psicanalítica procuram ser eficazes naquilo que se propõem a fazer.

Voltando à questão do aconselhamento pastoral especificamente, diante disso, o papel do conselheiro se torna indispensável, pois também é uma forma terapêutica de enfrentar a depressão. Por isso, é essencial a união dos saberes, sem desperdício de conhecimento, somando forças para garantir um cuidado mais eficaz às vítimas da depressão e aos seus familiares.

Isso evidencia a importância do cuidado como algo essencial para superarmos essa realidade. É por meio desse cuidado que conseguimos encontrar uma forma de enfrentar os traumas causados pela depressão, que por vezes tem sua gênese no sentimento de culpa que pode ser intensificado entre a comunidade de fé evangélica. O aconselhamento firme e eficaz é indispensável nesse contexto, é fundamental no tratamento da depressão e na recuperação do bem-estar emocional.

4. Personagens bíblicos que apresentaram quadro depressivo

O sofrimento humano precisa ser compreendido de maneira profunda e sensível, reconhecendo que ele não se limita ao corpo ou à mente, mas alcança também a alma — essa dimensão íntima e essencial de cada ser. Quando essa interioridade se vê ameaçada, manifesta-se o sofrimento; mas quando é acolhida com respeito, sentido e amor, surge a possibilidade da superação e a

[193] SOLOMON, Andrew. O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão / Andrew Solomon; São Paulo: Companhia das Letras, 2018.p.98.

alegria de viver retorna. Nesse contexto, cuidar de alguém que sofre não se resume a aplicar métodos ou diagnósticos, mas exige empatia, escuta atenta e presença genuína. É nessa relação humana e compassiva que se abre espaço para a verdadeira restauração do ser.

O escritor da obra *Alívio para o sofrimento e depressão*, James Drane, afirma que "[...]A alma, o eu, a essência interior da pessoa, é suscetível de ameaça, e essa ameaça é uma definição de sofrimento. A alma ou eu interior são igualmente suscetíveis ao bem-estar, e chamamos essa experiência de júbilo. [...]"[194]

Dessa forma, o cuidado com o outro passa a ser não apenas um princípio cristão, mas um dever ético universal. Essa perspectiva reforça a importância de promover acolhimento e empatia diante do sofrimento psíquico. A superação da depressão, segundo o autor, não representa apenas um alívio individual, mas configura um momento de alegria contínua, que se estende também aos familiares e às pessoas próximas, fortalecendo os laços afetivos e promovendo o bem-estar coletivo.

O próprio texto bíblico, em sua narrativa, apresenta diversos exemplos de homens e mulheres, considerados heróis da fé, que enfrentaram momentos de angústia e depressão. Essas vivências estão associadas frequentemente a rejeições, frustrações ou desilusões vivenciadas em diferentes áreas de suas vidas ou ao longo de suas trajetórias. Como exemplo Jacó. No entanto, não se pode deixar de considerar também a figura de seu irmão Esaú.

> Os mensageiros voltaram a Jacó, dizendo: "Fomos a teu irmão Esaú. Ele mesmo vem agora ao teu encontro e há quatrocentos homens com ele." Jacó teve grande medo e sentiu-se angustiado. Então dividiu em dois grupos os homens que estavam com ele, as ovelhas e os boi." (Gn. 32, 7-8).

Conforme Frederido Dattler "[...] Desejando lançar a bênção sobre Esaú de preferência a Jacó, Isaac agiu de boa fé. Não consta que Deus tivesse falado claramente a respeito [...]"[195], muitas vezes, o ser humano se deixa dominar pelas incertezas da vida, como ocorreu com Esaú, que deixou de seguir o caminho correto por algo que poderia ter aguardado no tempo apropriado. De maneira semelhante, atualmente, é comum que as pessoas deem ouvidos a palavras e conselhos que não deveriam considerar, o que frequentemente as

194 DRANE, James F. Alívio para o sofrimento e a depressão SÃO PAULO:Paulus,2015. p.87.
195 DATTLER, Frederico. In: Acervo Joaquim Beato, Gênesis: texto e comentário. São Paulo, SP: Paulinas, 1984. p.154.

conduz a escolhas precipitadas. Tais decisões podem levá-las a situações de sofrimento profundo, como a ruína emocional ou mesmo quadros de depressão, muitas vezes motivados por questões aparentemente insignificantes.

O reencontro entre os irmãos, após um longo período de separação e conflito, evidencia o valor do perdão e da reconciliação como caminhos possíveis de cura interior. A narrativa bíblica ensina que, apesar de erros passados e decisões precipitadas que possam ter gerado dor, sempre existe a possibilidade de retorno. Trata-se da chance de restaurar vínculos, reconstruir a dignidade e reencontrar-se não apenas com o outro, mas também consigo mesmo.

Muitas vezes, enfrentar os traumas de forma aberta, sincera e assertiva é a melhor maneira de lidar com eles e com a própria realidade. Traumas não resolvidos tendem a nos levar a vivenciar sofrimento emocional profundo, como a depressão, especialmente quando evitamos encarar nossos próprios erros. A experiência de Jacó exemplifica essa verdade: ao decidir reencontrar seu irmão Esaú, percebeu que a reconciliação era mais simples e viável do que havia imaginado. Esse foi um passo significativo em direção à recuperação emocional, demonstrando que o enfrentamento do sofrimento pode começar com atitudes concretas de correção e reconciliação e assim evitar um fim trágico.

5. O que é suicídio? Quais fatores o promovem?

Tratar de temas sensíveis como o suicídio exige cuidado e responsabilidade. Embora o termo seja amplamente utilizado no cotidiano, seu uso sem uma compreensão adequada pode gerar interpretações equivocadas e contribuir para a banalização de uma realidade marcada por profundo sofrimento. Ao analisar o suicídio sob uma perspectiva sociológica, amplia-se o olhar para além do indivíduo, reconhecendo que esse fenômeno está diretamente relacionado a fatores sociais, culturais. Econômicos e até religiosos. Por isso, falar sobre o suicídio requer mais do que definições técnicas: demanda sensibilidade, comprometimento ético e atenção às múltiplas dimensões que envolvem a dor humana.

Emile Durkheim, grande pesquisador sobre o tema do suicídio chama a atenção para o significado da palavra. Segundo ele,

> [...] a palavra suicídio é recorrente durante as conversas, poder-se-ia acreditar que o sentido é conhecido de todos e que é supérfluo defini-lo. Mas, na realidade, as palavras da língua

> usual, assim como os conceitos que elas exprimem, sempre são ambíguas, e o cientista que as empregasse tal qual as recebe do uso e sem submetê-las a nenhuma outra elaboração expor-se-ia às mais graves confusões. [...].[196]

Atualmente, o tema afeta pessoas de todas as classes sociais, independentemente de cor, raça, sexo ou identidade de gênero ou religião. Trata-se de uma questão complexa e sensível, que, embora tenha sido nomeada de diferentes formas ao longo da história, é atualmente conhecida como suicídio — o ato de tirar a própria vida.

Esse fenômeno está relacionado a diversos fatores, incluindo aspectos sociais, físicos e, principalmente, psicológicos. Suas consequências vão além da perda individual, impactando profundamente familiares, amigos e membros da comunidade, que muitas vezes não conseguem compreender ou aceitar essa perda. A dor e o sofrimento daqueles que permanecem revelam a urgência de discutir, compreender e prevenir o suicídio como uma questão de saúde pública e de responsabilidade coletiva. Ainda de acordo com Durkheim,

> Podemos, portanto, ter certeza de que há vários tipos de suicídio qualitativamente distintos uns dos outros. Porém não basta ter demonstrado que essas diferenças devem existir, deveria ser possível discerni-las diretamente pela observação e saber em que consistem. [...][197].

Não se trata apenas de conhecer os tipos e os aspectos relacionados ao suicídio, como afirmam o autor, mas também de compreender a importância de oferecer apoio à pessoa que se encontra em situação de vulnerabilidade. Frequentemente, indivíduos que contemplam o suicídio enfrentam traumas psicológicos ou psíquicos, perdas significativas ou outras questões pessoais profundas.

Diversos fatores podem contribuir para esse comportamento, que, para alguns, pode ser erroneamente interpretado como fraqueza ou desilusão. No entanto, para a pessoa que o considera, o suicídio pode representar, de forma distorcida, um ato de coragem, uma tentativa de alívio ou até mesmo uma maneira de proteger os outros de sua dor. Muitas vezes, esses indivíduos acreditam estar fazendo o melhor para si ou para aqueles ao seu redor, quando, na verdade, estão sendo consumidos por um sofrimento silencioso e intenso.

---

[196] DURKHEIM, Émile. O suicídio: estudos de sociologia . São Paulo: Edipro, 2014. p.13.
[197] DURKHEIM, Émile. 2014. p.276.

6. A importância da igreja para a família de uma pessoa que cometeu suicídio

Para o autor Valdemar Augusto Angerami "O enfrentamento se dá de forma gradativa até a social entrega, perda da consciência de si, da consciência da dor dentre outras consciências. A memória, por exemplo, só é preservada, na maioria das vezes, até o limite da sobrevivência."[198]

> Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna [...] Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se manifeste que suas obras são feitas em Deus (João 3. 16,21).

O autor citado mostra de forma bem clara como a sociedade, aos poucos, tem se entregado às dores e às consequências de suas próprias angústias. Apesar disso, ele também destaca a importância de continuar lutando pela vida, mesmo em meio ao sofrimento.

Essa reflexão se conecta com o texto bíblico de João, que fala sobre o amor de Deus e da igreja no cuidado com as pessoas que estão fragilizadas por situações difíceis. Deus viu que a humanidade estava se perdendo, e por isso entregou seu único Filho para salvar e cuidar daqueles que precisavam.

O apóstolo Pedro reforça essa ideia ao mostrar que Jesus veio para curar e salvar. Assim, percebemos que tanto o autor quanto a Bíblia mostram que a igreja tem um papel muito importante na sociedade. Ela deve ajudar a cuidar das pessoas, especialmente daquelas que estão passando por momentos de dor, ajudando a evitar a perda de mais vidas para problemas que têm crescido cada vez mais entre famílias e comunidades.

> Por que não morri ao deixar o ventre materno, ou pereci ao sair das entranhas? Por que me recebeu um regaço e seios me deram de mamar? Agora dormiria tranquilo, descansaria em paz,[...]. Por que foi dada a luz a quem o trabalho oprime, e a vida a quem a amargura aflige, a quem anseia pela morte que não vem, a quem a procura com afinco como um tesouro, a quem se alegaria em frente do túmulo e exultaria ao encontrar a sepultura (Jó 3.11-13,20-22).

---

[198] ANGERAMI, Valdemar Augusto. Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição. Belo Horizonte: Artesã, 2019. p.75.

A história de Jó mostra claramente como ele enfrentou momentos de ansiedade profunda, que acabaram evoluindo para um estado de depressão. Essa situação, vivida por Jó séculos antes de Cristo, também foi experimentada por muitos outros homens e mulheres de fé, como vemos em várias partes da Bíblia.

Em meio ao sofrimento, Jó chegou a desejar a morte, o que nos leva a refletir sobre a presença da ideia do suicídio em sua mente. Esse desejo não envolvia apenas ele, mas também afetava, de certa forma, seus amigos e familiares, pois seu sofrimento era tão intenso que impactava todos ao seu redor.

No entanto, mesmo em meio à dor, Jó encontrou acolhimento e escuta, o que permitiu que ele vivenciasse um processo de reestruturação. Vivesse uma mudança importante em sua existência.

7. O suicídio e o aconselhamento

A compreensão do sofrimento como uma ameaça ao eu interior reforça a importância de uma abordagem integral do ser humano. Ao reconhecer que somos corpo e alma, e que a alma não se reduz ao físico, torna-se evidente que o cuidado deve ir além do tratamento de sintomas. É necessário considerar as dimensões subjetivas e existenciais da pessoa, valorizando sua interioridade e promovendo uma escuta sensível e humanizada.

Nas palavras de James Drane"[...] O sofrimento compreendido como uma ameaça ao eu interior ou à essência da pessoa tem de ser tratado. Somos corpo, mas somos igualmente alma, e esta não é redutível ao corpo [...]"[199].

Atualmente, não se pode tratar os aspectos da depressão e do suicídio apenas sob a perspectiva da autoajuda. É necessário compreender que essas questões exigem um ponto de partida sólido para o cuidado, especialmente daqueles que não demonstram os sintomas de forma evidente. Nesse sentido, é fundamental que o corpo de Cristo — a Igreja — atue com clareza e com sentimentos de amor incondicional.

O cuidado torna-se, assim, um elemento essencial no papel da Igreja, tanto no contexto social quanto no eclesiástico. Mais do que delegar responsabilidades exclusivamente à sociedade, é preciso promover uma união entre as esferas social e eclesiástica, visando ao acolhimento integral do ser humano. Essa cooperação é crucial diante de situações que muitas vezes envolvem mais do que aflição e desespero.

[199] DRANE, James F. 2013. p. 87.

Nesse cenário, o ato de cuidar e de ouvir o outro torna-se fundamental para possibilitar uma nova perspectiva de vida, contribuindo para a transformação pessoal e social daqueles que enfrentam tais desafios. Esse é o trabalho do bom conselheiro. Saber aconselhar é uma arte que poucos estão preparados para fazê-lo. Envolve muito mais do que repetir textos bíblicos, mas demonstrar na prática que o amor é capaz de superar grandes obstáculos.

8. A importância do evangelho no combate ao suicídio

O suicídio, como fenômeno social e existencial, não pode ser compreendido apenas por fatores individuais ou biológicos. Diversas dimensões influenciam sua ocorrência, entre elas os vínculos afetivos, a estrutura familiar e o sentido de pertencimento. Nesse contexto, a fé e os princípios do evangelho assumem um papel essencial na promoção da vida, pois fortalecem os laços comunitários e oferecem esperança diante da dor. O evangelho não apenas propõe uma visão de acolhimento e amor ao próximo, mas também inspira a criação de espaços de escuta e cuidado que reduzem o isolamento e a desesperança. Segundo Durkheim

> [...] Como se explicar, com efeito, que a densidade da família tenha essa influência sobre o suicídio? Para responder a essa questão, não é possível recorre ao fator orgânico,[...] Portanto é porque o modo como ela funciona varia conforme seja mais densa ou menos densa que o número de elementos de que a família se compõe afeta a propensão ao suicídio.[200]

O autor apresenta, de forma clara e fundamentado em estatísticas, a relação entre o suicídio e o contexto familiar, social e global, abordando também seus impactos no meio cristão. Observa-se como esse fenômeno afeta direta e indiretamente a sociedade, inclusive nas comunidades de fé.

Essa análise sociológica reforça a importância dos vínculos e da convivência estruturada como formas de proteção emocional. Quando aplicada à perspectiva cristã, essa compreensão ganha ainda mais profundidade, pois o evangelho estimula a vivência comunitária, o cuidado mútuo e o fortalecimento das relações interpessoais. Igrejas, comunidades de fé e grupos de apoio inspirados no evangelho tornam-se, assim, espaços de acolhimento que podem resgatar vidas, restaurar identidades feridas e oferecer sentido onde há

[200] DURKHEIM, Émile. 2015. p.193.

desespero. Dessa forma, o evangelho contribui não apenas com consolo espiritual, mas com práticas concretas de prevenção e valorização da vida.

Diante disso, destaca-se a importância do Evangelho como ferramenta essencial para apoiar famílias que enfrentam essa realidade — uma questão que não é recente, remontando a séculos antes e depois de Cristo. Pesquisadores da área da sociologia, bem como estudiosos comprometidos com a prevenção do suicídio, enfatizam o valor da união entre a sociedade civil e a comunidade eclesiástica nesse combate.

A atuação da igreja torna-se, portanto, fundamental no cuidado com indivíduos que passaram por experiências traumáticas relacionadas ao suicídio — seja como vítimas indiretas ou como sobreviventes. O papel da igreja, como corpo de Cristo, é acolher, orientar e oferecer apoio espiritual, emocional e social.

O apóstolo Paulo, em suas epístolas, faz referência a diversas situações sociais em que encontrou irmãos em estados depressivos, muitos dos quais chegaram ao limite emocional, interpretando suas ações como martírio ou prova de fé. Em contextos de sofrimento extremo, a dor pode ser tão intensa que leva a pessoa a considerar o suicídio como um ato de coragem — embora, para os que ficam, reste a dor da perda.

É nesse ponto que a missão do Evangelho se torna ainda mais relevante: oferecer cura, restauração e esperança. Cabe à igreja, portanto, cuidar com amor e empatia, proporcionando suporte integral, para que traumas sejam superados e uma nova vida — sem mágoas e sem dor — possa ser construída.

> Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservando a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo Juiz, naquele Dia; e não somente a mim somente a mim, mas a todos os que tiverem esperando com amor sua aparição (2Tm. 4, 7-8).

O apóstolo Paulo, ainda antes de sua conversão, já era um homem de grande conhecimento, mas agia com dureza, perseguindo os cristãos. Após seu encontro com Cristo, sua visão foi completamente transformada. Em suas viagens missionárias, passou a enxergar as pessoas com um olhar de amor e misericórdia, reconhecendo nelas dores emocionais profundas, traumas e realidades humanas extremamente delicadas.

Durante sua jornada em prol do Evangelho, Paulo se deparou com muitos indivíduos em estados de sofrimento, angústia e desespero — realidades que hoje podemos associar a quadros de depressão, abandono e até suicídio.

Diante disso, ele compreendeu a importância de combater o bom combate. Esse combate, no contexto cristão, não é físico, mas espiritual, emocional e pastoral — é lutar pela vida, pela restauração e pela libertação dos que estão cativos nessas dores.

Ao afirmar que guardou a fé e combateu o bom combate, Paulo revela que há uma soberania maior em preservar a fé mesmo em meio às aflições. Sua missão se tornou clara: resgatar vidas, devolver esperança e restaurar a alegria daqueles que haviam perdido o sentido da existência.

Paulo conclui: Não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda, mostrando que essa missão não era só dele, mas de todo cristão comprometido com o Evangelho. O amor cristão exige zelo, cuidado e empatia com aqueles que enfrentam traumas, perdas e dores emocionais profundas — sejam pessoais, familiares ou vividas por amigos próximos.

Conclusão

"Vede: como é bom, como é agradável habitar todos, como irmão.[...] É como o orvalho do Hermon, descendo sobre os montes de Sião; porque ai manda Iahweh a bênção, a vida para sempre." (Sl. 133, 1,3).

Como afirma o salmista, é de grande importância que os irmãos vivam em comunhão, não apenas sob a perspectiva institucional de uma denominação religiosa, mas em uma comunhão autêntica e prática — marcada pelo auxílio mútuo, pelo compartilhamento de conhecimentos e, acima de tudo, pelo cuidado com o próximo. Essa comunhão se torna ainda mais necessária diante de questões urgentes como a depressão e o suicídio, que têm se tornado cada vez mais evidentes na sociedade contemporânea.

Dessa forma, é possível perceber que, apesar das diferentes abordagens, os diversos autores convergem em um ponto essencial: o cuidado e o zelo para com as pessoas em situações de fragilidade emocional e psíquica. Reconhece-se, assim, a importância do papel da igreja como uma comunidade que acompanha, acolhe e oferece suporte àqueles que enfrentam essas dores profundas. É por meio desse amor prático que os que sofrem podem ser vistos não como casos isolados, mas como irmãos que merecem atenção, acolhimento e esperança para superar momentos de extrema vulnerabilidade.

O verdadeiro cuidado com o ser humano passa pela escuta sensível e pela reorientação do desejo, sobretudo quando este se encontra enfraquecido ou desviado em meio ao sofrimento. Trata-se de uma ética que transcende as práticas terapêuticas tradicionais, manifestando-se em atitudes concretas de presença, empatia e compromisso com a dor do outro. Essa perspectiva

encontra profunda ressonância na missão da Igreja, que, mesmo marcada por suas próprias vulnerabilidades, é chamada a ser um espaço de acolhimento, escuta e restauração. A metáfora do curador que, com paciência e atenção, remove cuidadosamente cada atadura das feridas alheias representa o tipo de cuidado compassivo e intencional que a comunidade cristã é desafiada a oferecer. Dessa forma, a Igreja se configura como um lugar onde a vida é valorizada, o sofrimento é legitimado e a esperança pode ser restaurada — tornando-se um agente essencial na promoção da dignidade humana e na prevenção do suicídio. Essa renúncia em favor do outro configura-se como um ato de profunda solidariedade e amor cristão. Como afirma o texto bíblico, "Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas." (Jo 10:11), demonstrando um cuidado que transcende o dever e se expressa como entrega e compaixão.

Atualmente, algumas denominações têm desenvolvido uma abordagem pastoral mais técnica e direcionada ao cuidado emocional e espiritual. Dessa forma, o pastoreio não se limita à condução espiritual tradicional, mas assume também a forma de aconselhamento pastoral. Trata-se de um cuidado que aponta para a possibilidade de recomeço, de superação dos traumas e das dificuldades vividas.

Portanto, o papel da Igreja no aconselhamento pastoral é essencialmente inclusivo. Ele se manifesta como uma prática de escuta, acolhimento e orientação, que reafirma ao ser humano sua dignidade e sua capacidade de viver com mais esperança e plenitude.

Referências

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo, SP: Cortez, 2011.

COLLINS, Gary R. Aconselhamento cristão: edição século 21. São Paulo, SP: Vida Nova, 2009.

CLINEBELL, Howard, J.. Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento. Sinodal, 2007.

TILLICH, Paul. Teologia sistemática. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005.

SOLOMON, Andrew. O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GRUN, Anselm. O tratamento espiritual da depressão. Petrópolis: Vozes, 2009.

DATTLER, Frederico. In: Acervo Joaquim Beato, Gênesis: texto e comentário. São Paulo, SP: Paulinas, 1984.

WESTERMANN, Claus. O livro do Gênesis: um comentário exegético-teológico. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2013.

DRANE, James F. Alívio para o sofrimento e a depressão. São Paulo: Paulus, 2015.

DURKHEIM, Émile. O suicídio: estudos de sociologia. São Paulo: Edipro, 2014.

BÍBLIA de Jerusalém: Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002

ANGERAMI, Valdemar Augusto. Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição. Belo Horizonte: Artesã, 2019.

LELOUP, Jean-Yves. Cuidar do ser: fílon e os terapeuta de alexandria. 14 Petrópolis: Vozes, 2013.